

- Extrato do preâmbulo do livro “*Mergulho no Hiperespaço*”, escrito pelo próprio autor, Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa.

“...Hoje, 13 de junho de 1974...”

“...Dizemos que aceitamos uma grave responsabilidade, pelo que pode representar e significar em relação a toda nossa atividade em Brasília, que desejamos de nítida expressão na conjuntura educacional de nível superior.

É que lidaremos com um verdadeiro depoimento atípico, versando sobre uma estranha fenomenologia, da qual participamos como pesquisador e pesquisado, conduzindo a uma perspectiva talvez demasiado ampla para a expansão futura da pesquisa científica nos vários campos da ciência atual.

O nosso depoimento, a nossa análise, as nossas sugestões, amparados ou inspirados por seres de outras dimensões, poderão, pensamos, criar para nós um clima interrogativo no que diz respeito a nós próprios, no que tange ao aspecto psicológico do nosso proceder, podendo projetar-se, negativamente, em relação àquele grande objetivo educacional que sempre temos em mira.

Não ficamos aí, porém. Projetamos criar um Centro Universitário, com faculdades e institutos que propiciem, de futuro, a constituição de uma verdadeira Universidade em cujo seio se encontre a “ASSOCIAÇÃO UNIVERSAL MORYA”, podendo esta oferecer àqueles educandos, além de ambiente para pesquisas científicas avançadas, ainda não de todo patrocinadas pelas academias ou universidades, posicionamento filosófico eminentemente universalista, com a possibilidade, ainda, do aluno caminhar rumo à culminância de sua educação espiritual como criatura humana. Poderá realizar-se cristicamente, isto é, no seu Cristo Interno, no CRISTO MÍSTICO, no Cristo Cósmico, Divino, vivendo então esse sentido da ETERNA E IMENSA GRANDEZA ESPIRITUAL DO SER HUMANO.

Temos e alimentamos, com desvelo e acendrado amor, esse Ideal ao qual procuramos sempre servir com tenacidade, confiança e convicção de que não estamos sós nesse fascinante caminho.

Daí referirmos, de início, o risco que corremos face à incompreensão humana, à comum estreiteza de horizonte que se nota, se verifica, até em pessoas de alto nível de responsabilidade no campo da educação, e mesmo de mui alto padrão intelectual, mas que, às mais das vezes, se obliteram lamentavelmente, se limitam, se encerram em círculos fechados de tristes deformações dogmáticas, a serviço de credos filosóficos ou religiosos de implicações sociais já incompatíveis com o avanço do homem deste fim de século, desse dealbar do futuro milênio. Esses, porém, infelizmente, ainda representam obstáculos e dificuldades para

aquela expansão maior, sob a inspiração universalista do DIVINO AMOR DO SENHOR JESUS - CRISTO MAYTREYA, que se contrapõe a esse sectarismo tão atual de dezenas de religiões e igrejas. É que essas consideram, cada uma delas, possuir aquela Verdade de cuja essência o próprio Jesus silenciou, deixando-a entregue ao coração, à intimidade espiritual de cada um.

A nós, porém, falou e fala bem mais alto uma voz que não é tímida, fraca ou indecisa. É corajosa, forte e plena de decisões. Por isso, somos levados a esse trabalho, sem grandes preocupações sobre precipitados ou tendenciosos juízos que possam suscitar, correndo o risco consciente de quaisquer consequências em relação às tarefas que achamos por bem levar a termo.

Tudo entregaremos, em reverência e homenagem Àquele que nos Inspira e nos Sustenta, não só na fascinante pesquisa que este trabalho revela, como também em nosso anseio de servir à criatura humana, servindo, por outro lado, dentro da tônica dominante do pensamento espiritual e crístico, à conjuntura educacional do nosso país.

Ao longo desse livro, está escrito muita coisa em que jamais teríamos pensado, há perto de sete anos atrás, quando iniciamos a nossa pesquisa ufológica. Os fatos se sucederam conduzindo-nos por fascinantes, mas também perigosos, caminhos.

Não há, porém, necessidade de sermos alertados por possíveis leitores desse trabalho, competentes psicólogos e psiquiatras, ou mesmo pessoas de elevada formação cultural e justo critério, no sentido de, em tempo, nos cuidarmos para não irmos demasiado à frente, tomados de um extremo fascínio que a fantasia soe promover, tornando mórbida a própria personalidade.

Desde o início acordamos, parece, lucidamente, para ver esse perigo e tê-lo em conta, precatando-nos em equilíbrio e sobriedade. Todavia, não nascemos, vivemos, estudamos e trabalhamos para amar e cultivar a rotina medida pela repetição monótona do já vivido e indefinidamente repetido, que traça norma de conduta inexorável, sempre a mesma, à maioria das pessoas desprovidas de um sentido maior face ao próprio fato de existir.

Para tais grupos muito dificilmente interessará o novo, ainda não configurado no âmbito do conhecimento normal, vigente, principalmente quando essa novidade de um novo conceito abala os alicerces de seu próprio conhecimento. Conforme sua natureza, especialmente quando atinge os dogmas dominantes, triunfantes, religiosos, filosóficos e científicos, espanta a sua pesquisa e dela foge, como regra, a maioria absoluta dos

próprios filósofos e cientistas de toda ordem. Com isso, a história da ciência diz, muitas vezes ter sido sobremodo retardado o evoluir do próprio conhecimento.

Ocorre, também, que esses preconceitos religiosos, filosóficos e científicos levam à deformação da própria pesquisa e, mui particularmente, a passionalismos que passam a permear a análise dos elementos colhidos, subvertendo conclusões por uma “lógica” cheia de saltos, sem racionalidade.

É o que vem acontecendo, flagrantemente, no que diz respeito à parapsicologia. Vemos supostos pesquisadores, inteligentes e passionais, particularmente religiosos, como que predeterminarem o que deverão ou terão que concluir.

E o espírito dogmático exacerbado lhes confere até muita audácia e coragem em afirmações já agora primárias, sensivelmente superadas. Isto, ressalte-se, quase sempre, quando insistem em suas “verdades eternas”, não conformados com os horizontes e perspectivas novas que se abrem.

Assim é, também, e mais perigosamente até, pelo mui justo prestígio de que goza a ciência, para os extremados cientistas materialistas, tão plenos de convicção de seu alto saber, que sumariamente decidem e marcam os limites do “possível” e do “impossível”. Dessa forma, particularmente no campo ufológico, dos *discos voadores*, passa à categoria do “impossível” a existência da vida inteligente em alto nível nos planetas do nosso sistema solar. As razões são muitas e, quem sabe (?), corretas... A essa mesma categoria de *absurdo* e *impossibilidade* passa a interrogativa viagem até nosso planeta de seres que seriam mais do que extraterrestres, *extrasolares*, devido a categóricas afirmações científicas no campo da Mecânica e da Física, concernentes à velocidades alcançáveis no meio espacial em que se insere o nosso Universo. Qualquer viagem exigiria anos e anos, ou séculos de duração.

Concluiu-se, então, que, para o fenômeno *disco voador*, deveria encontrar-se a solução de seu mistério na própria conjuntura técnico-científica planetária, isto é, terrestre! Ora, sendo já insofismável a presença dos *discos voadores*, face a um verdadeiro mundo de observações selecionadas e catalogadas por organizações particulares e oficiais de países líderes da civilização atual, entre os quais se destacam os Estados Unidos da América do Norte, a França e mais, indicando essas observações, em seu todo, a excepcionalidade de determinadas provas de demonstrações mecânicas e físicas, sem qualquer condição de explicação pela ciência e técnicas humanas, é de perguntar-se: como, então, o próprio homem os construiu? E mais, dado o sentido de domínio das grandes nações, em que, praticamente, se dividem as influências sobre os demais povos à base do poder, qual delas ficaria

inativa e sem ambições, se dispusesse de tais meios, como, por exemplo, aquele que permitiu a um só *disco voador* cortar a energia de uma usina elétrica que abastecia oito Estados dos EUA, às sete horas, do dia 9 de novembro de 1965, interessando a uma população superior a quarenta milhões de habitantes?

E a capacidade do *disco voador* de invisibilizar-se, podendo atuar à absoluta revelia de qualquer controle humano? Como se apresentaria qualquer defesa face a essa realidade que, de quando em vez, surge dos espaços, se ela fosse definitivamente hostil?

Não sendo da Terra, nem de qualquer planeta de nosso sistema solar e não podendo vir de outros sistemas estelares, a conclusão é óbvia: *absurdo! Não existe!*

A nossa perplexidade advém de pretensiosamente quereremos marcar limites à *realidade*, vendo-a deformada pela limitação dos nossos sentidos e da estreiteza relativa da nossa consciência *espaço-temporal*, em que a ciência quer restringir toda a possibilidade do conhecimento humano.

Aqui, então, situa-se, não há como negar, algo que esse livro pretende enfatizar: é essa ampliação do cosmos no sentido de sua profundidade maior, ainda não devassada pelo espírito científico humano, preconceituoso e orgulhosamente rebelde a tal *evolução conceitual*, conducente a dimensões superiores, a qual ofereceria, é evidente, à sua vista, um universo muito, muito mais rico de formas, energia e vida, conferindo ao homem um sentido bem novo da imensa dimensão da sua própria grandeza!

Isso, afinal, é o que pretende oferecer este trabalho: estímulo para esse despertar, para essa intuição da realidade maior que está à vista daqueles que, rompendo as limitações sensoriais normais, podem observar e analisar fenômenos de nível mais alto, plenificando-se da certeza de que nos encontramos no dealbar de uma nova vivência e cósmica aprendizagem.”